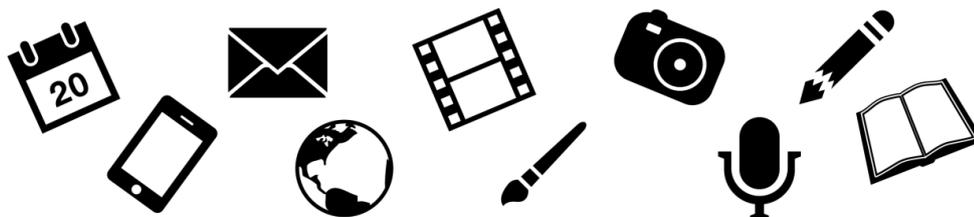




**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**25 e 26 de fevereiro de 2023**

## Notícias do Dia

### Cidade

“Feira do Livro prevê 100 mil visitantes este ano”

Feira do Livro prevê 100 mil visitantes este ano / Feira do Livro de Florianópolis /

Lélia Pereira Nunes / Professora aposentada / UFSC / Universidade Federal de

Santa Catarina

# Feira do Livro prevê *100 mil visitantes* este ano

Estimativa é que *50 mil livros sejam vendidos* entre os dias 7 e 21 de abril em *evento no Centro Histórico* de Florianópolis

Ana Schoeller

[ana.pereira@ndmais.com.br](mailto:ana.pereira@ndmais.com.br)

A Feira do Livro de Florianópolis já tem data para acontecer: de 7 a 21 de abril. Segundo Patty Pinent Sampaio, planejadora cultural da feira, são esperadas 100 mil pessoas ao longo dos 15 dias de evento.

Além dos livros, a população poderá contar com apresentações musicais, espaços de conversa, além da presença de autores regionais e nacionais. É estimada a venda de 50 mil livros, para todos os públicos.

O evento acontecerá nos entornos do Mercado Público, passando pela Igreja Matriz, pelo Largo da Alfândega e Largo do Miramar e na praça XV de Novembro. “Outra novidade é que teremos a feira do livro infantil. A gente quer trazer a literatura catarinense e de Florianópolis para Florianópolis”, explica Patty.

Não apenas livros estarão pelo local – os leitores poderão contar com 15 oficinas e exibição de cinema. Quem deseja escrever também terá seu lugar marcado: uma oficina de escrita criativa promete “abrir a mente” de quem passar pelo local.



JUNIOR SOMENS/AGÊNCIA 1.SOMENS/DP/UNUSC/ND

Lélia Pereira Nunes, ao microfone, é autora de dezenas de livros

O evento de divulgação da data escolhida para a próxima edição ocorreu em parceria entre a Secretaria de Educação da Capital e a Feira do Livro de Florianópolis, visto que este ano a Semana Municipal do Livro irá acontecer concomitantemente com a feira.

O jornal ND será o veículo apoiador do evento com distribuição gratuita do jornal nos 15 dias da edição.

#### PATRONESSE

O evento contará com a patronesse Lélia Pereira Nunes, professora e escritora cata-

rinense. Natural de Tubarão, Lélia tem 76 anos, é cidadã honorária de Florianópolis, onde reside desde 1970. É professora aposentada da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e titular da cadeira 26 da ACL (Academia Catarinense de Letras).

Estudiosa da cultura açoriana, Lélia integra a Associação de Escritores Portugueses, o Instituto Histórico da Ilha Terceira, o Instituto Açoriano de Cultura e é detentora da insígnia honorífica açoriana e é autora de dezenas de livros.

## Notícias do Dia

### Especial: Viva Açores! Conhecer é viver

“Açores no centro do mundo e no limiar da Europa”

Açores no centro do mundo e no limiar da Europa / NEA / Núcleo de Estudos Açorianos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina



José Andrade, Lélia Nunes, Marcello Corrêa Petrelli, Nestor Lodetti, António Ventura, Sérgio Luiz Ferreira e Ed Pereira no lançamento do “Viva Açores!”, em março passado

#### Sociedade cosmopolita e sem fronteiras

Essa empolgação com as potencialidades do arquipélago leva o diretor regional das Comunidades Açorianas a assegurar que “é muito bom viver aqui”. O clima é privilegiado, sem grandes extremos na temperatura, e o contato com a natureza faz parte do cotidiano das pessoas. Essas características das ilhas também são percebidas pelos estrangeiros, tanto que há um fluxo turístico sem precedentes e muitas pessoas que passaram a morar e investir nos Açores. “Temos cerca de 4.500 cidadãos de fora, vindos de 95 países diferentes, residindo nas ilhas”, informa José Andrade. Desses forasteiros, em torno de 800 são brasileiros.

Além do turismo, há boas possibilidades na indústria, no comércio e nos serviços. O arquipélago produz ótimos vinhos, queijos, laticínios, chá, pescados e produtos de origem animal. E a região é extremamente segura – “um privilégio no mundo conturbado de hoje”, ressalta Andrade. “Sempre fomos um país de partida, e hoje somos um porto de abrigo. Temos alemães, americanos, chineses, espanhóis e brasileiros que se integram e ajudam no desenvolvimento das ilhas”.

Se ainda há quem saia, e jovens que vão estudar nas capitais europeias, por exemplo, são numerosos os que chegam. E mesmo quem faz carreira fora do arquipélago, muitas vezes regressa eventual ou definitivamente para manter o vínculo com as origens. “Somos uma sociedade moderna, cosmopolita, inclusiva e sem fronteiras”, orgulha-se Andrade.

## Açores no centro do mundo e no limiar da Europa



Diretor regional das Comunidades Açorianas, José Andrade elogia a ideia de aproximar os descendentes de suas origens, além de traçar estratégias para o futuro

**E**m entrevista à NDTV, o diretor regional das Comunidades Açorianas, José Andrade, não se ateu aos limites das perguntas do repórter Alexandre Mendonça e deu uma verdadeira aula sobre a história do arquipélago, suas peculiaridades, potenciais e perspectivas de futuro. Começou elogiando o projeto “Viva Açores! Conhecer é Viver” e definiu o presidente do Grupo ND, Marcello Corrêa Petrelli, como “um grande entusiasta” da ideia de aproximar os catarinenses das ilhas portuguesas e de sua população. “Graças a esse projeto, nada será como antes nessa relação”, afirmou.

Bem antes de deslocar parte de seus moradores para o Sul do Brasil, os Açores já tinham dado início a uma diáspora que colocou famílias lá nascidas e formadas em outros países e continentes. São quase 600 anos de história, desde que os primeiros portugueses do continente chegaram para se instalar e iniciar a exploração do solo e das águas do entorno, em 1432. Depois de Santa Maria e São Miguel, foi a vez da ocupação das ilhas do grupo central. Dois séculos depois, os ilhéus já cogitavam ir além, buscar outras terras, experimentar o prazer e os riscos de novas aventuras.

“Há mais de 400 anos saímos, sempre levando conosco a história e as tradições e honrando o bom nome dos Açores”, disse José Andrade. Para o Brasil, a primeira leva

foi para o Maranhão, na segunda década do século 18. Depois, na maior campanha de mobilidade humana do período colonial brasileiro, foi a vez de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, num processo que depois se estendeu ao Uruguai. Em outros períodos, os açorianos foram para as Bermudas, o Havaí, os Estados Unidos e o Canadá. Para o Brasil, já no século 20, houve emigrações para o Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia.

“Somos cerca de 250 mil pessoas no arquipélago, mas já fomos mais de 300 mil”, afirma o diretor regional das Comunidades. As condições difíceis de sobrevivência no passado e a erupção do vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, em 1957, provocaram saídas substanciais de moradores das ilhas. Com a autonomia política conquistada em 1974, após a democratização de Portugal, os Açores passaram a contar com parlamento próprio e ter o destino em suas mãos.

“Graças a essa autonomia política, nos últimos 50 anos tivemos um desenvolvimento maior do que o registrado nos cinco séculos anteriores”, ressaltou José Andrade. “Hoje, vive-se muito bem em todas as nove ilhas, 19 conselhos e 155 freguesias dos Açores. Estamos numa posição geoestratégica importante, próxima da Europa e da América do Norte. Ou seja, somos o centro, e não o fim do mundo. E não estamos no fim, mas no começo da Europa. Com as facilidades das comunicações e voos diretos para dezenas de destinos, estamos interligados a todo o planeta”.

“*Sempre fomos um cais de partida, e hoje somos um porto de abrigo. Temos alemães, americanos, chineses, espanhóis e brasileiros que se integram e ajudam no desenvolvimento das ilhas.*”

“*Quando visito esta cidade (Florianópolis), volto sempre de alma cheia, com o coração de açoriano aquecido pelo calor brasileiro dos irmãos que descendem de nós.*”

José Andrade,  
diretor regional das Comunidades Açorianas



BRUNO LACERDA

## Parcerias que ajudam a aproximar os dois povos

A ligação do diretor regional das Comunidades Açorianas, José Andrade, com Santa Catarina vem de longo tempo. Ele esteve no Estado pela primeira vez em 1996, depois voltou outras vezes como deputado e assessor do governo regional e, por fim, veio no ano passado na comitiva que acompanhou o lançamento do projeto Viva Açores! Conhecer é Viver, do Grupo ND. Na ocasião, ele doou uma coroa do Divino Espírito Santo a uma igreja da Prainha, na capital catarinense, que ainda não tinha a peça.

“Se há uma expressão cultural que identifica os Açores em todo o mundo, é o culto ao Divino”, diz ele ao explicar a razão de seu ato. “A coroa e a bandeira são o que melhor nos distingue e valoriza enquanto povo. No mais, os emigrantes levaram para vários lugares as nossas referências, valores e tradições, as nossas músicas

e danças, o folclore, a renda, as lendas, as práticas agrícolas, a arquitetura”.

A comparação com o bairro de Santo António de Lisboa, em Florianópolis, é inevitável quando se fala na arquitetura luso-brasileira que os açorianos trouxeram para os trópicos. “As semelhanças são impressionantes”, diz José Andrade. E há os grupos folclóricos que resistem, praticando o pau de fitas e o terno de reis. No Rio Grande do Sul, a chimarrita é uma dança que veio com os primeiros emigrantes e que, adaptada, está entre as manifestações mais prestigiadas da cultura popular local.

Entre as instâncias com as quais o governo dos Açores tem trânsito estão o NEA (Núcleo de Estudos Açorianos), vinculado à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e a Casa dos Açores de SC, que “realizam um trabalho importante no resgate, divulgação e valorização de nossa cultura

identitária”, nas palavras de Andrade. A Fundação Franklin Cascaes, braço cultural da Prefeitura de Florianópolis, e o IHGSC (Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina), do qual José Andrade é sócio correspondente, também são parceiros importantes. Agora, com o projeto Viva Açores!, o Grupo ND, empresa de comunicação de caráter privado, se junta a esses agentes institucionais, ajudando a aproximar as ilhas do Atlântico Norte da Ilha de Santa Catarina, no Atlântico Sul.

Particularmente, as Casas dos Açores têm sua relevância aumentada porque funcionam como uma espécie de embaixada do arquipélago em diferentes partes do mundo. Nessa integração, as Casas espalhadas pelo Brasil têm um papel fundamental, pois o país foi um importante destino dos açorianos – e aquele para onde ocorreu o maior número de emigrantes até o século passado.

## Um caso de amor com Florianópolis

José Andrade considera Florianópolis “uma cidade moderna, bonita e desenvolvida”. Além disso, é voltada para o mar – “e nossos olhos não podem prescindir disso”, diz o diretor regional das Comunidades Açorianas, levando em conta que nasceu e mora num lugar onde o oceano pode ser visto de onde quer que se esteja. “Quando visito esta cidade, volto sempre de alma cheia, com o coração de açoriano aquecido pelo calor brasileiro dos irmãos que descendem de nós”, afirma ele. “Sinto-me em casa em Florianópolis, após percorrer tantas milhas para chegar”.

As diferenças para os demais destinos da diáspora também são um fator que atrai as autoridades, estudiosos e pesquisadores desse vínculo de 275 anos. As ligações têm outra configuração nos Estados Unidos, no Canadá, nas Bermudas e no Havaí. E mesmo no Brasil, há pessoas de segunda ou terceira gerações de descendentes de açorianos que moram no Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, cuja memória dos ancestrais não possui o hiato temporal que caracteriza os herdeiros distantes que são os moradores do litoral catarinense.

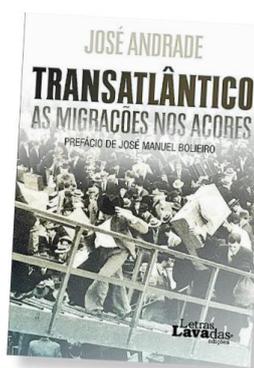
## RUMO À COSTA LESTE

Na América do Norte, a presença açoriana é forte na costa leste, em especial no estado de Massachussets, e também na costa do Pacífico. Na Califórnia, são cerca de 400 mil açorianos ou descendentes – uma população que supera a das nove ilhas do arquipélago. Não menos relevante é a densidade de ilhéus nas províncias canadenses de Ontário, Quebec, Manitoba, Alberta e Colúmbia Britânica. “Independente do país, esses açorianos se articulam em clubes e associações de caráter cultural, recreativo, desportivo, religioso, político e econômico, preservando sua identidade”, finaliza José Andrade.

Recentemente, o diretor regional das Comunidades lançou em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, o livro “Transatlântico – As migrações nos Açores”.



Estima-se que existem nos Estados Unidos 1,5 milhão de açorianos e descendentes. Na foto, a Casa dos Açores da Nova Inglaterra, que completou 30 anos em 2021



Livro de José Andrade, lançado recentemente, aborda as migrações

## Notícias do Dia

### Especial: Viva Açores! Conhecer é viver

“Uma ponte que liga instituições de lá e de cá”

Uma ponte que liga instituições de lá e de cá / Francisco do Vale Pereira /  
Oswaldo Ferreira de Mello / Walter Piazza / Oswaldo Rodrigues Cabral / NEA /  
Núcleo de Estudos Açorianos / Universidade Federal de Santa Catarina

Muito do que se avançou na aproximação entre os Açores e Santa Catarina, nas últimas cinco décadas, tem a ver com o trabalho do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos), vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina. Além das visitas de professores e funcionários da UFSC ao arquipélago, e da recepção de estudiosos, pesquisadores e membros do Governo Regional em suas viagens a Florianópolis, o núcleo realiza um amplo trabalho de levantamento, registro e difusão de ações, eventos e heranças das tradições açorianas em dezenas de municípios catarinenses.

Neste fevereiro de 2023, o coordenador do NEA, Francisco do Vale Pereira, recebeu o termo de renovação do protocolo que rege as relações de parceria com instituições de lá, como a Universidade dos Açores. “O documento prevê colaborações, pesquisas acadêmicas e científicas, além do intercâmbio envolvendo professores e alunos”, diz Pereira. Esse protocolo vigora desde 1979 e é anterior, portanto, ao próprio núcleo, criado em 1984.

Pereira lembra de personalidades que visitaram Florianópolis e a UFSC da década de 1980 para cá, entre elas o diretor do antigo Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, Duarte Mendes, e o professor António Manuel Machado Pires, então reitor da Universidade dos Açores, estudioso e divulgador da obra do poeta Vitorino Nemésio e respeitado pesquisador da diáspora açoriana e dos frutos que ela espalhou pelo mundo.

#### 200 ANOS PARA ROMPER O SILÊNCIO

Durante muitos anos presidente do Governo Regional, João Bosco Soares da Mota Amaral também valorizou e investiu nesse intercâmbio institucional. Outros presidentes com quem a UFSC manteve relações profícuas foram Carlos Manuel Martins do Vale César e Vasco Ilídio Cordeiro. Com a Direção Regional das Comunidades, houve parcerias durante as gestões de Alzira Silva, Paulo Tevez e, agora, José Andrade.

Em 1948, no 1º Congresso de História Catarinense, realizado em Florianópolis, quando se completavam 200 anos do início da emigração, foi rompido o silêncio sobre a importância do elemento açoriano na formação étnica e no desenvolvimento de Santa Catarina. Com a criação da Comissão Catarinense do Folclore e a instalação da UFSC, anos depois, esse assunto passou a fazer parte das preocupações acadêmicas. Foi quando Oswaldo Ferreira de Mello, Walter Piazza e Oswaldo Rodrigues Cabral mergulharam a fundo no tema e o colocaram no centro dos debates sobre a história catarinense.



## Uma ponte que liga instituições de lá e de cá

Núcleo de Estudos Açorianos, vinculado à UFSC, registra e difunde as diferentes vertentes e tradições, em especial nos 45 municípios litorâneos do Estado



Coordenador do NEA, Francisco do Vale Pereira, incentiva as relações de parceria com universidades dos Açores

#### Mapeamento da cultura de base açoriana

O trabalho do Núcleo de Estudos Açorianos se concentra em 45 municípios da faixa litorânea catarinense, de Itapoá, no Norte, a Passo de Torres, no Sul. A área coberta pelos projetos alcança 15 mil quilômetros quadrados, onde se concentra uma população estimada em um milhão de pessoas. No âmbito da pesquisa e educação, o corpo técnico realiza e incentiva as pesquisas, ministra cursos e palestras para professores de todos os níveis de ensino em Santa Catarina.

O NEA também trabalha no mapeamento da cultura de base açoriana no Estado, preparando professores da rede de ensino para que investiguem, em suas comunidades, os elementos remanescentes das tradições trazidas no século 18 do arquipélago português para Santa Catarina. Manifestações da religiosidade, a produção de artesanato, o trabalho de oleiros e pescadores e as peculiaridades da gastronomia são alguns dos temas pesquisados.

#### Festa mostra o legado dos emigrantes

Tão importante quanto isso são as edições da Açor – Festa da Cultura Açoriana, que desde 1994 acontece anualmente em um município diferente do Estado, mostrando o que existe de mais autêntico e original da cultura trazida. Organizada em parceria com as prefeituras, universidades regionais e fundações culturais, ela exhibe o que há de mais significativo no folclore, nas danças e cantares, na culinária e no âmbito da cultura popular de cada região.

O NEA também mantém uma biblioteca com cerca de 2.000 volumes, incluindo obras de história, cultura e literatura açorianas, disponíveis para consulta e pesquisa. Os volumes duplicados são doados à Biblioteca Machado Pires, instalada no bairro de Vila Nova, em Imbituba. Por fim, a sede do núcleo tem um acervo de trajes típicos, peças de artesanato e gravações musicais.

## Notícias do Dia

### Especial: Viva Açores! Conhecer é viver

“No barro, a subsistência e o prazer de criar”

No barro, a subsistência e o prazer de criar / Escola de oleiros de São José / Myllene Machado / Gelci Coelho / Peninha / Museu de Antropologia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

**S**e nos Açores a produção de louças de barro refluiu, assim como ocorreu com outras atividades artesanais, há um local em Santa Catarina onde esse ofício nunca perdeu o protagonismo. Não só por abrigar a única escola de oleiros no país, mas por manter ativos muitos profissionais do ramo, o município de São José é citado como referência na criação e comercialização de peças à base de argila. São obras utilitárias e figurativas que atendem à demanda da Grande Florianópolis e também viajam com os turistas que visitam a região, em qualquer época do ano.

São muitos os oleiros veteranos que ainda se mantêm na atividade, e a produção é substancial – a ponto de conferir à cidade o título de “capital da louça de barro” no país. Professora da Escola de Oleiros de São José, Myllene Machado perdeu a conta do número de alunos que ensinou e das peças que já produziu. Em seu apartamento, no bairro Estreito, tem uma pequena oficina de onde saem de meringas e alguidares a pequenas figuras do folclore local, passando por conjuntos que simulam o culto ao Divino Espírito Santo e a brincadeira do boi de mamão.

Ao contrário da maioria dos praticantes dessa arte e dos professores da escola, Myllene não descende de oleiros e entrou na atividade por curiosidade, quase 30 anos atrás – e não saiu até hoje. Fez todos os cursos possíveis, chegou a dar aulas no antigo Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e em 2004 fez concurso para a Escola de Oleiros. “Estou lá até hoje, e considero que tenho a profissão que qualquer um pediria a Deus”, afirma. Nem pensa em se aposentar, tal é o amor pela arte de fabricar e ensinar a fazer peças de barro.

#### POSSIBILIDADES

“A cerâmica é muito dinâmica, de possibilidades infinitas”, diz a artesã e professora, que se realiza criando e assistindo aos alunos. “Ali, não tem monotonia”, garante. “Crio muito. Minha cabeça é um turbilhão. Muitos alunos chegam com depressão, desanimados, e um mês depois já estão falando. Nenhuma outra arte tem efeito tão rápido. É atividade inspiradora”.

O bairro da Ponta de Baixo, onde fica a Escola de Oleiros, sempre foi o principal fornecedor de louças de barro para a região. Ao lado do Mercado Público de Florianópolis, havia as lojinhas voltadas para a comercialização das peças que vinham em barco a vela ou remo, pela baía Sul, e ainda hoje há pontos no aterro da baía Sul onde o nativo e o turista podem encontrar utensílios de diferentes formas e tamanhos.

## No barro, a subsistência e o prazer de criar



São José, com a única escola de oleiros do país, é referência na criação de peças de argila, usadas como utensílios domésticos, decorativos e símbolos de uma época



Professora Myllene se dedica a ensinar o ofício há quase 30 anos

#### Herança de Cascaes deve ser mais valorizada

Se o plástico e o alumínio tomaram boa parte do espaço das louças de argila, pela leveza e praticidade, há ainda quem se renda à magia das peças feitas à mão, muitas vezes usando o torno e o sistema de queima tradicional. O decorativo vai muito para as floriculturas e lojas de artesanato, e o utilitário atende a mercados e restaurantes que usam esse utensílio no dia a dia. “Por isso, e pelo vínculo com a tradição trazida pelos colonizadores, a atividade não pode acabar”, diz Myllene.

Ela aprendeu muito com o museólogo Gelci Coelho, o Peninha, que por sua vez é tributário da grande obra deixada por Franklin Cascaes. Tem grande apreço por Peninha, e diz que Cascaes não está sendo devidamente valorizado na terra onde resgatou, registrou e catalogou as tradições trazidas pelos emigrantes açorianos, incluindo na área da cerâmica. Foi com eles que aprendeu a fazer os presépios em tamanho natural que já ornamentaram a praça XV de Novembro, o campus da UFSC e outros pontos da região.

#### Patrimônio imaterial de São José

As peças de Myllene Machado estão espalhadas por museus e coleções particulares. Um de seus presépios está no Museu de Piracicaba, interior de São Paulo. Ela participou de mostras coletivas no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis, no Museu de Jaraguá do Sul, no Museu Histórico de São José e na Bienal B, em Porto Alegre. “Tudo o que faço envolve a Escola de Oleiros”, informa, explicando por que nunca realizou uma exposição individual.

A atividade de oleiro foi tombada como patrimônio imaterial pelo município de São José, mas muitos antigos profissionais estão com pouco trabalho e desestimulados para continuar produzindo. Por isso, diz a professora, a escola precisa ser mantida e apoiada, porque a atividade é milenar e diz muito sobre a história e a formação da Grande Florianópolis.



Peças sacras também são produzidas na “capital da louça de barro”

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (25.02 – 03.03.2023)**

**Caderno Especial: AN 100 anos**

“Joinville que queremos: educação é chave para crescimento econômico e desenvolvimento humano”

Joinville que queremos: educação é chave para crescimento econômico e desenvolvimento humano / Charles Voos / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

**AN** 100 anos

## **JOINVILLE QUE QUEREMOS: EDUCAÇÃO É CHAVE PARA CRESCIMENTO ECONÔMICO E DESENVOLVIMENTO HUMANO**

*Falta de qualificação profissional é apontada como obstáculo para um crescimento ainda maior da economia local*

O crescimento econômico depende do aumento da produtividade, maior eficiência, ganhos de escala com a conquista de novos mercados, entre outros fatores. O ponto em comum para a conquista dessas métricas é uma maior qualificação dos colaboradores envolvidos, para buscar esses resultados. Em termos mais simples: educação.

O secretário de Desenvolvimento Econômico e Inovação de Joinville, Fernando Bade, destaca que foi criado um documento em conjunto com entidades do setor econômico, um plano com principais metas para a Joinville do futuro, entregue em outubro do ano passado. Entre os pontos ressaltados, está a necessidade de estratégias de qualificação, principalmente por meio do Senai e cursos técnicos, para que jovens possam adquirir conhecimento sobre tecnologia, uma necessidade da indústria local.

— A cidade só cresce se eu tiver gente capacitada para suportar esse crescimento. Além disso, alguns eixos do plano tratam de salário, pois esses empregos possuem valores agregados maiores e isso faz com que a renda média do nosso trabalhador também aumente. Joinville vem crescendo historicamente o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, o que mostra que o município é mais produtivo do que a média nacional, nossas empresas conseguem entregar mais.

Segundo o secretário, a melhoria na capacitação e na renda está diretamente relacionada à otimização de outros indicadores, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que engloba a qualidade de vida como um todo, e o de Gini, que mede a desigualdade de renda.

Em relação à mão de obra qualificada, Joinville viu a escassez



Secretário de Desenvolvimento Econômico e Inovação de Joinville, Fernando Bade

Divulgação

pioar ainda mais durante a pandemia. Isso motivou a união de empresas e entidades em busca de soluções, como o programa Joinville Emprega Mais. A ação partiu da união entre Acij (Associação Empresarial de Joinville), Senai/Fiesc e Prefeitura de Joinville, e capacita cerca de 1,4 mil moradores da cidade desempregados, desalentados ou na informalidade. Ações parecidas ocorrem também em nichos específicos, como na construção civil, em que o Sinduscon (Sindicato Indústria Construção Civil de Joinville) atua para buscar profissionais capacitados para preencher as vagas em aberto atualmente.

### **Pluralidade na educação**

Além da questão do emprego, o avanço na educação superior joinvilense tem efeitos também na formação da sociedade. Para o

pesquisador e sociólogo Charles Voos, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deveria ser fortalecida no município, com maior diversidade de cursos, não somente relacionados a áreas mais ligadas à engenharia, por exemplo.

Em busca de uma cidade mais plural, a desigualdade e as lacunas de infraestrutura urbana vão na contramão e pioram a qualidade de vida.

— Nós temos uma demanda reprimida gigantesca nas outras áreas do conhecimento. Precisamos de cursos de humanas, sociais aplicadas, medicina pública em Joinville. Precisamos de uma Universidade Federal forte. Olhando para a infraestrutura da cidade, distribuição de vida mais justa e formação cultural sólida, principalmente um sistema de ensino superior sólido, podemos ter uma cidade muito diferente do que é hoje — completa.

**DC Revista, AN Revista e Santa Revista (25.02 – 03.03.2023)**

**Renato Igor**

“UFSC”

UFSC / Estudantes / Ampera Racing / Guilherme Mertens de Andrade



## UFSC

Um grupo de estudantes da UFSC, Ampera Racing, finalizou o sonhado projeto de construir um veículo autônomo – o segundo das Américas – e um feito histórico para o Brasil. Nas próximas semanas ocorrerão testes com o protótipo no Sapiens Parque, em Florianópolis. Segundo Guilherme Mertens de Andrade, diretor de Sistemas Autônomos da Ampera, trata-se de um “veículo elétrico de alta performance”. O carro pode chegar a uma velocidade de até 100km/h e tem autonomia de 30 quilômetros.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

# CLIPPING DIGITAL

25/02/2023

[ACATE recebe representantes do ecossistema de inovação para traçar objetivos em comum para Santa Catarina](#)

[Alunos da UFSC criam carro elétrico que atinge 100 km/h](#)

[Curso de Extensão em Defesa Nacional \(CEDN\) está com inscrições abertas](#)

[Ex-apresentadora esportiva da Globo detona salário da emissora](#)

[Quem está na oposição?](#)

26/02/2023

[Concursos públicos no Brasil oferecem mais de 48 mil vagas e salários de até R\\$ 28,9 mil](#)

[Concursos públicos oferecem 48,6 mil vagas com salários de até R\\$ 28,9 mil](#)

[Demarcação já: Kerexu Yxapyry destaca as prioridades do Ministério dos Povos Indígenas](#)

[MCTI e UFSC capacitam professores de educação básica em robótica](#)

[Retroatividade da norma mais benéfica no direito administrativo sancionador ambiental](#)

[UFSC abre inscrições para cursos extracurriculares abertos à comunidade](#)

[UFSC divulga seletiva para Professor com ótimo salário e benefícios](#)